

É:
Revista
**Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137
Número XXII
Volume 1
junho de 2019



**LEVINAS ÀS MARGENS DO POLÍTICO:
Palavra, justiça, ética, alteridade**

Revista do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Juiz de Fora





UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Robert Daibert Júnior – Diretor
Leonardo de Oliveira Carneiro – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Humberto Schubert Coelho – Coordenador do Curso
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Luciana Gaspar Melquíades Duarte – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)
Débora Mariz (UFMG)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)
Fábio Fortes (UFJF)
Germán Martínez (Fordham University, NY)
Gustavo Arja Castañón (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)
Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Luís Henrique Dreher (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Wolfram Högbe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial <i>Klinger Scoralick</i>	1
Acolhida <i>Patet Porta, Magis Cor</i> <i>Antônio Henrique Campolina Martins</i>	13
Artigos	
Quando se quer agir, não basta somente querer o bem: influxo hegeliano sobre um Levinas político <i>Marcelo Fabri</i>	19
Humanismo, materialismo e política em Levinas <i>Gérard Bensussan</i>	35
As raízes do totalitarismo segundo Levinas <i>Ozanan Vicente Carrara</i>	57
Extensão do domínio do mal: Heidegger e a metafísica. Elementos de uma análise a partir de Levinas <i>Paulo Cesar Duque-Estrada</i>	78
Esforço, fadiga, dormência: uma fenomenologia política do corpo próprio nos primeiros escritos de Levinas <i>Pablo Dreizik</i>	89
Sobre a gênese do pensamento de Levinas: o <i>eros</i> entre literatura e filosofia <i>Fabio Ciaramelli</i>	101
Refletir a política desde a perspectiva do judaísmo de Levinas <i>Silvestre Grzibowski</i> <i>Aline Hernandes Grzibowski</i>	127
<i>Outramente dito</i> e culturalidades latino-americano-caribenhas: <i>pró-logos</i> de uma interface com a filosofia de Levinas <i>Nilo Ribeiro Jr.</i>	144
Levinas no ouvido de Lyotard <i>François-David Sebbah</i>	179
Deslugar a obediência: sobre a insurgência do político em Levinas <i>Klinger Scoralick</i>	196
Justificar a política: a ética como primeira lição <i>André Brayner de Farias</i>	212

Entrevistas

- A respeito da recepção de Levinas no Brasil: encontro com **Luiz Carlos Susin** 228
Klinger Scoralick
- O tempo certo está aí: conversa com **Ricardo Timm de Souza** 234
Klinger Scoralick
- Pensar com Levinas: Klinger Scoralick entrevista **Pergentino Pivatto** 238
Klinger Scoralick

EDITORIAL

É PRECISO PALAVRA, ALIÁS

Em 1957, Levinas publicou na revista *Les Lettres Nouvelles* um brevíssimo texto – que posteriormente veio a compor *Difficile liberté* – intitulado “Liberdade de palavra”, cujas linhas mencionavam a situação-limite do empalidecer da sinceridade das palavras produzida no stalinismo. Em meio à nuvem do discurso totalitário carregada de promessas, mistérios e infalibilidade mítica, o absurdo das contradições dissolvia-se de modo ininterrupto e o real seguia obliterado. Ao mesmo tempo, zombadores de toda sorte conduziram a palavra, por meio de uma sabedoria soberba e débil, passando a julgar o enigma último de tudo o que pudesse oferecer sentido e a ditar a ordem do dia, zombaria que se revestiu em estratégia de dominação, em ameaça e em desmobilização – expressão de um mundo em que todas as proposições se equivalem, mundo sem oposição, no qual não se pode mais garantir a verdade. Eis a cena, o campo, o horizonte, os dados – nada mais atual no solo de um tempo tão adverso. Cinismo desvirtuado! O protagonismo dessa situação-limite, a vertigem

intelectual que se desdobrou dessa farsa filosófica, desse jogo de cartas conduzido por exímios trapaceiros fez vir à tona, outrora com o stalinismo (mas não apenas com ele), a totalidade revestida das potências da noite, e anunciou, aos gritos e em meio a eles, a falta de sentido da história, especialmente para os que nela não estavam engajados, a saber, todas as pessoas que no trem da história foram (e são) retiradas à força de seus lugares e transformadas em carga, coisa, ferramenta, lucro, óbice, cinzas, nada.

O processo de desestalinização, diz Levinas em seu texto de 1957, colocou em evidência a ingerência de uma instrumentalização que perpassou toda uma experiência coletiva e ocasionou o descrédito absoluto da linguagem e de sua possibilidade de narrar minimamente a singularidade do mundo, fazendo com que as palavras, ao invés de anunciarem, testemunharem, fossem apresentadas como sintomas ou superestruturas de ditos quaisquer, vazios, soturnos, arbitrários, sem vislumbrar nenhum despertar ou justiça porvir. Nesse ambiente ameaçador, vestido de silêncio, contaminado pelos truques daqueles que não se preocupam em disfarçá-los, mas antes os revelam sem pudores, não se dá jamais o engajamento no verdadeiro, nem mesmo em decorrência de tais gestos de franqueza. Ao contrário, abrir o jogo evidencia a mentira para além dos limites, ação de pilhagem da palavra à luz do dia. Tudo é jogo sem mais, truque da astúcia, enfeitiçamento, e disso decorre o declínio e a destruição do político, que se vê despido daquilo que o constitui, a palavra. Por certo, os apontamentos feitos por Levinas em “Liberdade de palavra” não fazem referência aos desdobramentos de uma experiência histórica e política

singular tão-somente, mas sinalizam todo um campo de significação no qual se insere o totalitarismo como um sistema de dominação, que abrange, pode-se dizer, todas as expressões contemporâneas da barbárie – e aquelas que flertam com ela – em que a palavra é calada. Trata-se, antes de mais nada, de um fenômeno de domesticação e de opressão das massas pela via política da exceção. O horizonte onde se consolida o fenômeno totalitário engendra uma realidade de imagens, de ficções fantasmagóricas e de alegorias ameaçadoras a partir das quais todos e todas terminam por se encontrar atados, trancados, amordaçados – tal qual um ter-que-ser – sob o medo, a ignorância e o ódio, não sendo permitida que qualquer suspeita, que ouse elevar a voz ou colocar-se de pé, tenha força para deslizar sobre o sonho fabricado por esses gênios malignos e enganadores e, assim, trazer o dia e iluminar, mesmo que de modo frágil, as silhuetas das verdadeiras coisas, mais para lá da turva consciência que se crê lúcida, justa, honesta e com as mãos limpas.

Em meio a esse estado de sítio toda tentativa de se cortar o nó que amarra as cartas já marcadas sobre a mesa reestabelece a mesma trama de continuidade. Não há descanso ou sono para os que seguem viagem nesse trem da história, obliterado de fala e enraizado na náusea e no sofrimento inútil. Noite de eterno retorno! Noite que é percebida pela criança como temor e desamparo, ameaça que advém de um mundo sem alimento, morada e contato. Mundo sem fecundidade! Não há saídas ou como se esconder dessa fatalidade que expõe a própria brutalidade do ser, como diz Levinas em *De l'évasion*. É preciso concordar que a inteligibilidade da totalidade remete a uma condição

dramática para os existentes, isto é, a aderência servil, silenciosa, constrangedora e intransponível na relação que se estabelece com o ser, e que atesta a impossibilidade da transcendência em meio ao mundo, a inamovibilidade. Trata-se de uma “coerção muda”, para lembrar Marx, que opera sob as vestes da docilidade e da sedução. É preciso tomar a sério o verso do poeta cantante, pois há perigo na esquina. Apesar dos avisos de incêndio o fascínio pelo totalitarismo segue vivo aqui, ali, acolá – entre nós ele se alastra tal qual uma peste. Para Levinas, o fio contínuo dessa admiração – confusão sistêmica e endêmica – repousa sobre os braços alados e inebriantes da ontologia, sobre a conservação da imposição de que existir é estar referido a si, atado a si mesmo, obstrução do recuo diante daquilo que sufoca – mundo sem portas ou janelas, mundo sem oportunidades, mundo de miséria. A inamovibilidade, que aqui chamo de “desmobilização” e que acaba por se converter em uma estratégia central de dominação pela política, traduz-se como o sintoma do esgarçamento das relações interpessoais e de seus atos de fala no âmbito da coletividade, no espaço destinado à palavra, isto é, o público, a praça. Onde não há mais crença ou fé nas palavras, onde não se pode mais falar ou nenhum discurso é crível – salvo aquele que se coaduna com o sistema –, é impossível romper com o infinito da mentira e desvencilhar-se de todos os seus grilhões – o totalitarismo se instala. Onde a palavra perde a palavra não há mais porvir e não há mais política. É preciso palavra, aliás. Resiste-se.

A edição da Revista *Ética e Filosofia Política* que aqui se apresenta nutre-se dessa resistência, conferindo para tanto homenagem a Emmanuel Levinas (1906-1995), que é

notadamente um dos pensadores mais importantes do século XX. Ainda muito jovem Levinas foi assombrado pelos desdobramentos da Revolução Russa e, posteriormente, pela ascensão de Hitler ao poder em 1933, o que o levou, entre outros fatores, a direcionar seu pensamento para uma crítica ao totalitarismo e ao que, para ele, o sustentava, isto é, a trama da ontologia, o ser em geral. Em seus primeiros textos, Levinas nos diz sobre o horror que advém do fato de estarmos atados ao ser, sob o silêncio da noite que nos ameaça, mantendo-nos aprisionados a nós mesmos, murados, sem saídas. Levinas adverte que este aprisionamento não anula, contudo, a resistência, “o poder do recuo infinito” que é conferido ao sujeito, como se lê em *De l’existence à l’existant*. Dito de outro modo, quer-se indicar que há “algo” que jamais se dobra à dominação e aos poderes do Mesmo, inspiração que atravessa toda sua obra. Os traços que compõem esta edição especial buscaram se fazer definir por essa inspiração percorrendo o tema do político, exposição de *Levinas às margens do político*. É através desse contorno que a palavra está dada.

A primeira fala que se inscreve neste número especial sobre Levinas, ao modo de um prólogo, convida-nos a uma reflexão fenomenológica que tem a “porta” como coisa a ser pensada enquanto figura de alteridade, menção à hospitalidade, ao acolhimento. Em seu texto de evocação à abertura, Antônio Henrique Campolina Martins convida-nos a pensar sobre aquilo que se apresenta como obstrução, intervalo ou passagem, a porta. “Abre-se a porta, mais ainda o coração”.

Abrindo a seção de “Artigos”, Marcelo Fabri nos brinda com seu texto intitulado “Quando se quer agir, não basta somente querer o bem”, aludindo ao “Influxo hegeliano sobre um Levinas político”. Sempre podemos ser enganados pela moral, afirma. O texto assinala, dando razão a Levinas contra o que dissera Hegel, que a condição do pensamento é moral e não da ordem de uma relação com a totalidade, extrapolando-a. Para além de uma boa consciência, do perceber-se como bom cidadão do mundo burguês, o eu como singularidade insubstituível não se faz guiar por intenções formais e abstratas, mas por sua relação a outrem. É preciso pensar o Estado e a totalidade que o engendra, sua astúcia, para se propor uma ética que não seja o interesse absoluto da razão, mas reconhecimento de minha responsabilidade imputada por um outro tipo de universalidade.

Na sequência podemos apreciar a leitura do texto de Gérard Bensussan que sob uma articulação extremamente aguda apresenta um Levinas muito próximo ao materialismo e, curiosamente para alguns, distante do humanismo, o que se faz pensar, por um lado, desde a apreensão de um corpo que tem fome – questão do dar o pão a alguém como gesto que alimenta toda espiritualidade – e, por outro, pela desconfiança quanto às “belas letras”, à hipocrisia do sermão, ao modo de uma postura nomeada “profetismo de suspeita” por Bensussan, em recusa ao imperialismo do mesmo. “Humanismo, materialismo e política em Levinas” dedica-se a refletir sobre um “pensamento do político” ou sobre o político sob a inspiração ética do face a face, que se inclina para os terceiros, antes de toda liberdade, “política depois” inscrita no presente, com pão, com Torá.

Em “As raízes do totalitarismo segundo Levinas”, Ozanan Carrara expõe a crítica dirigida por Levinas à tradição ocidental, entendida como egologia e totalidade em confronto com a ética do estrangeiro, a qual alinhava a possibilidade de uma socialidade (proximidade) que se recobre da responsabilidade pelo outro, face a face, para além da neutralidade anônima de um universo sem linguagem e dos abusos do Estado – e antes da liberdade individual. O rosto impede a deformidade do Estado e a “desindividualização” do indivíduo que se dá pela economia quando esta se faz conduzir pela violência do anonimato do dinheiro. Em oposição à lógica da totalidade que despersonaliza e sacrifica o eu, Levinas aponta para uma política que é pensada desde uma relação ética prévia, que se pode denominar fraternidade.

Paulo Cesar Duque Estrada em “Extensão do domínio do mal: Heidegger e a metafísica. Elementos de uma análise a partir de Levinas” coloca em cena a discussão em torno da relação entre ontologia e mal – que remete, também, ao que é imperdoável em Heidegger. Se para Heidegger a metafísica se configura como esquecimento do ser, para Levinas a metafísica é “um consentimento com o horrível”. Muito embora, e Levinas o reconhece, Heidegger avance em relação às filosofias modernas da consciência, não há em seu pensamento a ruptura com a tradição que ele pretende ultrapassar. O problema da redução do outro ao mesmo permanece. O cerne da discussão, no que toca a crítica de Levinas a Heidegger, incide sobre a questão do ser e ao seu “nada mais”, em contraposição ao “para além” da transcendência, refutação e resistência ao mal.

“Esforço, fadiga, dormência: uma fenomenologia política do corpo próprio nos primeiros escritos de Levinas” é o título do artigo de Pablo Dreizik, que se ocupa em traçar uma articulação sobre o corpo próprio em Levinas, estabelecendo alguns elementos comparativos com a proposta de Michel Henry sobre o tema. Dreizik se detém nas descrições da análise da “dormência” para mostrar a insuficiência presente no esforço de ser (esforço da posição), que sempre recobra a instância da fadiga-preguiça-lassidão. As implicações ganham dimensão política: o corpo, antes de ser corpo produtivo, é corpo desarticulado de si, em colapso, isto é, não coincidente consigo mesmo, que não se prende ao esforço como condição mesma de sua posição – contestação do modelo heideggeriano de transcendência extática. A dormência do cansaço – luxação – é a impossibilidade de o eu manter-se ligado a si.

A exposição de Fabio Ciaramelli traz um importante comentário “Sobre a gênese do pensamento de Levinas: o eros entre literatura e filosofia”. Volta-se o olhar sobre os textos inéditos de Levinas examinando sua escrita literária – “obra por realizar” –, o que nos ajuda a compreender as estratégias adotadas em sua obra que se direcionam ao afastamento do domínio do ser. Literatura e filosofia caminham juntas até certo ponto e encontram no eros a figura de subversão da ontologia. O drama literário de Levinas está relacionado ao seu período de cativo e buscará fazer emergir o não-sentido de um mundo às avessas em seu próprio estranhamento, mundo estilhaçado. Através da intriga de uma sucessão de experiências vividas a escrita de Levinas atém-se a uma

“fenomenologia do eros”, encenação fenomenológica da relação com o outro que conduz o desejo para além do ser.

“Refletir a política desde a perspectiva do judaísmo de Levinas” é tarefa da escrita de Silvestre Grzibowski e Aline Hernandes Grzibowski, que indica que em tempos de crise é preciso que se volte para a fonte “religião” (ética da responsabilidade) com o intuito de se superar os fanatismos dos fundamentalistas religiosos e políticos, e manter viva a esperança dos seres humanos. É impossível compreender a obra de Levinas deixando de lado o judaísmo. Mas não se trata aí de fazer teologia ou pensar a religião em nome de deus para se justificar a barbárie. A “consciência judaica” é, antes, caminho indispensável para a atividade política, para a consolidação da relação com o próximo e com os vulneráveis da sociedade, de modo que a religião se faz entender por aquilo que atravessa a relação com os homens e coincide com a justiça social.

Em continuidade, Nilo Ribeiro Jr. nos oferta a leitura do “*Outramente dito* e culturalidades latino-americano-caribenhas: *pró-logos* de uma interface com a filosofia de Levinas”, voltando-se para um tema que nos toca a todos enquanto herdeiros de uma cultura colonizada. O pensamento (de)colonial alavanca, em interface com a filosofia de Levinas, a reabilitação de um “discurso interrompido” que sucumbiu aos efeitos discursivos da doxologia da colonização. Reclama-se uma escritura de sobrevivente e sua (in)condição irreduzível ao ser, na busca de se fazer justiça ao Dizer ético contido nas literaturas dos povos colonizados, em seus “textos sagrados”. O rosto e o terceiro, sob ordem de um passado imemorial e o singular de cada cultura, marcam o pró-logos de um discurso

que se faz introduz na ordem da Justiça, “heterologos”, assinalando que o pensamento (de)colonial caminha junto com a política.

François-David Sebbah em “Levinas no ouvido de Lyotard” apresenta a intrigante leitura lyotardiana da fenomenologia do rosto – indicações do seu limite extremo – buscando quebrar e jogar com a tensão do visível e do invisível, sob caminhos que não bifurcam, mas entrelaçam-se em sua própria tensão – recai-se sobre o ver e o ouvir. Para Lyotard, Levinas é apenas um ouvido, convocado, obrigado, aberto à palavra. A ética remete ao ter os olhos fechados, afinal o rosto eu não o vejo – mas posso ouvi-lo, pois ele fala. Nesses termos, Lyotard indica que o testemunho torna-se a expressão da radicalidade da injunção ética sobre a qual se debruça Levinas, que faz deslocar e interditar o eu, composição da abstração do mandamento e sua inscrição no mais sensível e no mais concreto, ao modo de um “arrancar o pão da boca para o outro”. Aqui a “intermitência” do pensamento levinasiano encontra-se em questão.

Em “Deslucrar a obediência: sobre a insurgência do político em Levinas”, texto de minha autoria, é apresentada a possibilidade de se pensar um discurso sobre a desobediência em Levinas, um “não-de-outro-modo” que se configuraria como gesto fundador do político, o para-todos da responsabilidade. “É preciso” a desobediência, sem a qual a política estaria entregue a ela mesma. A questão da desobediência evoca um “deslucramento” que toca tanto a ética quanto a política, mostrando-se como tarefa da justiça sob a mira do martelo que desata e desconstrói os nós que a violência impõem sobre a trama da relação ao outro –

desobediência a testemunhar uma obediência *outramente que ser*, sob a aproximação do terceiro.

Por fim, André Brayner de Farias apresenta o texto “Justificar a política: a ética como primeira lição”. Remarcando a tensão que permeia a relação entre a ética e a política em Levinas, a proposta incide sobre a incondicionalidade ética levinasiana, que exige a política e apenas se pode realizar nas condições próprias da política – cabendo à política justificar seu direito e sua razão de ser, tarefa constante e irrecusável de responsabilidade. Embora a ética se inscreva em um tempo diacrônico, é através do tempo histórico e, pois, da visibilidade que se pode pensar um encontro possível com a política, sob a aproximação do terceiro. A política exige um perpétuo “começar de novo”, um criar as condições do mundo perpetuamente, ordenamento pelo cálculo que exige um processo de construção e de desconstrução em que a ética é a primeira lição.

Dá-se mais um passo. A seção subsequente é toda ela dedicada a “Entrevistas”, com a intenção de conferir outro ritmo à palavra. Nela encontram-se os registros de questões que foram encaminhadas a Luiz Carlos Susin, a Ricardo Timm de Souza e a Pergentino Stefano Pivatto, diálogos colocados à prova sob a oferta de testemunhos e inscrições com destacadas vozes do pensamento levinasiano. Circunscreve-se até aí.

Antes de encerrar estas palavras de abertura, gostaria de agradecer a todos, colegas e amigos, que colaboraram para a realização desta edição, pela disposição e generosidade em partilhar de suas leituras. Meus agradecimentos especiais a Marcelo Fabri, por convidar Fabio Ciaramelli para fazer parte

deste dossiê e pela tradução de seu texto, a Gérard Bensussan, Pablo Dreizik e François-David Sebbah, por aceitarem prontamente o convite para a publicação neste número especial, assim como por confiarem a mim a tarefa de tradução dos seus originais. Destaco ainda minha gratidão, e por fim, a Antônio Henrique Campolina Martins, editor da Revista *Ética e Filosofia Política*, pela oportunidade de conduzir este trabalho e de conduzi-lo com liberdade de palavra.

Klinger Scoralick

Organizador